

24/6/1984

PERSPECTIVAS NACIONAIS

As mesmas alegações

Os usineiros da região de Ribeirão Preto, responsáveis por um quarto da produção de açúcar do País, decidiram em reunião esta semana — com o comparecimento de 16 sindicatos patronais — não atender as reivindicações dos 35 mil cortadores de cana do Município de Sertãozinho. A alegação dos empresários é a mesma apresentada pelos trabalhadores: o Acordo de Guariba — que terminou com o protesto dos bóias-frias no mês passado — não está sendo cumprido.

Pelo Acordo de Guariba, os trabalhadores alegam que deveriam receber Cr\$ 1 mil 740 por tonelada, o que, na conversão, daria um pagamento de Cr\$ 200 a Cr\$ 220 por metro cortado.

Os usineiros contrapõem outros cálculos: acham que devem pagar Cr\$ 110 a Cr\$ 120, obedecendo ao estipulado no Acordo de Guariba. Os bóias-frias exigem a homologação do Acordo, a eliminação do gato (o intermediário na contratação da mão-de-obra) e o estabelecimento de um mesmo preço tanto para a cana de 18 meses, que é a mais difícil de cortar, como para a cana de um ano.

Os sindicatos patronais acreditam que os trabalhadores estão sendo motivado por "influências políticas". A greve somente poderá ser evitada com a presença das autoridades estaduais.

O diretor da Organização dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo, Roberto Rodrigues, um dos responsáveis pelo Acordo de Guariba, considera "um absurdo" o não cumprimento do acordo pelos usineiros. Lembrou a frase ouvida de um trabalhador há um mês em Guariba: "Um homem com fome é bravo, mas um homem com seu filho faminto é muito violento."

(Página 4 — Especial)